

**ANÁLISE ESTILÍSTICA
DO "SERTANEJO UNIVERSITÁRIO"**

Melly Fatima Goes Sena (UEMS)

mellysena@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@hotmail.com

No atual contexto as músicas pertencentes ao estilo musical denominado sertanejo universitário caracterizam-se por letras de fácil assimilação e com estruturas simples. O objetivo desse trabalho é analisar, a partir de excertos de algumas composições, o processo de construção de sentido dessas composições a partir de uma análise estilística fônica, morfológica e lexical. As músicas utilizadas para essa análise foram: “Se eu te pego tãe”, de Munhoz e Mariano; “Balada”, de Gustavo Lima; “Bará bará”, de Michel Teló; “Eu quero tchu”, de João Lucas e Marcelo, e “Lê, lê, lê”, de João Neto e Frederico.

As melodias dessas canções representam uma manifestação social/cultural uma vez que há o uso da linguagem para com um determinado estilo, a fim de expressar um sentimento do locutor (cantor sertanejo) para o seu público (ouvintes) de modo que nessas construções verbais possam expressar um desejo a ser realizado e ao mesmo tempo, a manifestação de um ato social, o lazer. Para desenvolver as análises faremos uso de um ramo da linguística, denominada estilística, antes de adentrarmos no processo de análise, é necessário fazer uma pequena explanação o estilo musical utilizado e sobre a origem da corrente com a qual nos embasaremos para executar a proposta de análise.

1. O que é o sertanejo universitário?

O estilo musical denominado Sertanejo surgiu na década de 1910. Esse estilo é uma variação ou “urbanização” da música caipira e caracteriza-se pela melodia simples e melancólica, semelhante a música caipira, só que mais dançante e mais urbana. A temática da música caipira era a vida no campo, com o sertanejo começou a enfocar temas como amor e traição.

O termo universitário veio a ser cunhado ao que se considera a terceira geração do sertanejo. Uma explicação possível para o nascimento

desse gênero foi a ida de jovens universitários, oriundos das regiões interioranas que disseminaram nos *campi* e repúblicas a música sertaneja de raiz que com o tempo foi associada com metais, guitarra, baixos, baterias e instrumentos de percussão.

As letras continuaram abordando os mesmos temas como amor e sexo mas foram adaptadas para como esse novo jovem via esses assuntos. O pesquisador da Universidade Federal Fluminense, Gustavo Alonso em entrevista concedida ao jornal *Gazeta do Povo*, afirma que os temas das canções continuam a ser sobre sexo e amor, mas, ao contrário das décadas de 80 e 90, o sertanejo universitário é otimista. Os protagonistas são verdadeiros galãs rurais vitoriosos em meio urbano. A poética muda, as letras assumem o tom “vamos ser felizes”.

Percebe-se que apesar da fórmula das músicas ser composta por poucos acordes, refrão repetitivo e letras romântica não é significado para falta de qualidade da música. Tudo depende dos critérios adotados.

2. *A ciência estilística*

A estilística é uma das disciplinas voltadas para os fenômenos da linguagem, tendo por objeto o estilo. Guiraud (1978, p. 149) define também o *estilo* como o aspecto do enunciado que resulta da escolha dos meios de expressão determinadas pela natureza e intenções do indivíduo que fala ou escreve, Guiraud utiliza a definição de Barthes sobre o que seja *estilo* e *escrita*, respectivamente, no primeiro refere-se ao que tange a mitologia pessoal do autor, suas vivências e no segundo, seria a produção concreta da sua intenção, alocando-se em três tipos: gênero, valor (as ideologias) e engajamento (fatos sociais, históricos e políticos). Vale ressaltar também que, o *estilo* é o emprego dos meios de expressão – como se encaixa as estruturas gramaticais (sons, palavras, formas e construções); o processo de composição – forma, gênero e pensamento como tema, visões de mundo.

A partir do século XX a estilística passou a configurar como disciplina ligada a linguística, a estilística contemporânea tem seu conteúdo de expressão ligado ao desenvolvimento da linguística moderna, para Saussure, a célula geradora da linguística tem sua base na tríade: signo (expressão); significante (forma da expressão) e significado (conteúdo da expressão). Entretanto, não se é possível ver a linguística em uma definida operação de signos. Essa corrente pode ser considerada a ciência da

expressividade e representa qualquer conjunto de tendências características formais e estéticas que identificam ou distinguem uma obra.

Estudiosos da linguagem como Mattoso Câmara Jr (1979, p. 14), apontam que a estilística vem complementar a gramática, ela (a estilística) é a parceira na construção do texto, dos fonemas aos parágrafos, por isso é necessário à adequação gramatical ao gênero e aos intuítos do autor.

Nesse artigo procurou-se fazer um recorte focando no que denomina-se *estilística da expressão*, conceituando como sendo *expressão* a ação de manifestar o pensamento por meio da linguagem. A língua é composta de formas (tempos, verbos, plurais, singulares) ou de estruturas sintáticas (elipse, ordem das palavras), de palavras que são outros meios de expressão, como aponta o especialista da área Guiraud (1978, p. 63):

[...] existe toda uma categoria de palavras dotadas de expressividade interna e natural: são as onomatopeias e as palavras foneticamente motivadas, do tipo “sombre” (sombrio, escuro, triste) ou “monotone” (monótono), nas quais o espírito percebe uma relação entre a forma da palavra e o seu significado; sua originalidade reside neste caráter, do qual se acha desprovida a maioria das outras palavras da língua.

A *estilística da expressão* surgiu após Charles Bally, sucessor de Saussure na cátedra de Linguística Geral da Universidade de Genebra, ao publicar, em 1902 seu *Traité de Stylistique Française*, acompanhado pelo *Précis de Stylistique*, funda sobre bases racionais a estilística da expressão. Segundo Bally (1978): “A estilística estuda os fatos de expressão do ponto de vista do seu conteúdo afetivo, isto é, a expressão dos fatos da sensibilidade, mediante a linguagem e a ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade” (2. ed. v. I, p. 16).

Entende-se, em suma, como *estilística da expressão*, o estudo dos valores expressivos e impressivos próprios aos diferentes meios de expressão que a língua dispõe, tais valores acham-se ligados à existência de variantes estilísticas, ou seja, diferentes formas de expressar a mesma ideia, de sinônimos que exprimem um aspecto particular da comunicação. Essa ciência divide-se em vários campos de estudos, entretanto, este trabalho focar-se-á as áreas de fonostilística, morfoestilística e estilística lexical.

3. A estilística do som ou fônica (fonoestilística)

A *fonoestilística* trata dos valores expressivos de natureza sonora observáveis nas palavras e nos enunciados. Fonemas e prosodemas (acento, entonação, ritmo), constituem um complexo sonoro de extraordinária importância na função emotiva poética. Nilce Martins (1989) observa que a fonoestilística desempenha uma função expressiva devido a particularidades da articulação dos fonemas: as qualidades de timbre, altura, duração, intensidade. Esses sons – podem provocar sensações de agrado e desagrado e também sugerir ideias, impressões. Martins (1989, p. 26) ainda explica que

o modo como o locutor profere as palavras da língua também podem denunciar estados de espíritos ou traços de sua personalidade. Também são artistas que trabalham com a palavra, poetas e atores, os que melhor apreendem o potencial de expressividade dos sons e que deles extraem um uso mais refinado.

3.1. Onomatopeias

Dentro dos estudo fonoestilísticos temos o estudo das onomatopeias. É nítida a presença do excesso de *onomatopeias* nas canções do sertanejo universitário, em vista disso, é necessário conhecer um pouco sobre esse recurso atualmente muito explorado nas letras de maiores sucessos dentro do gênero para compreendermos melhor a função desse recurso na sua forma e expressividade. É notório nas letras de músicas essas categorias de palavras dotadas de expressividade, as onomatopeias e as palavras foneticamente motivadas como veremos nos refrões e recortes de letras de músicas do gênero supra citado.

Martins explana que questão da onomatopeia, demonstra que a linguagem é essencialmente representativa, com signos arbitrários, e a onomatopeia ou pintura sonora é apenas “uma tolerância da linguagem” e não poderia ter dado origem a ela. Deste modo a onomatopeia só aparece em línguas já formadas.

Entende-se de modo simples que onomatopeia significa a reprodução de um ruído, contudo, a respeito sua classificação, considera seu caráter acidental ou permanente, bem como a possibilidade delas se lexicalizarem, tonando-se palavras de comportamento sintático, desse modo temos um recorte de umas das definições expostas na obra de Nilce San’Anna (1989, p. 48):

Onomatopeias propriamente ditas- objeto sonoro de configuração definida

e valor significativo constante, embora impreciso, dentro de uma determinada comunidade linguística, constituído mais frequentemente, por uma combinação de sons correspondentes aos fonemas da língua dessa comunidade.

A mesma autora ainda informa que, se o significante onomatopéico passa a desempenhar um papel sintático na frase e recebe uma categoria gramatical, já temos uma forma lexicalizada e não uma onomatopeia propriamente dita. O que se supõe é que tenha ocorrido nos trechos das letras das músicas sertanejas relacionadas, onde as onomatopeias se lexicalizaram, perdendo seu tom meramente imitativo de um som natural, mas havendo uma transformação linguística de vocábulos da nossa língua para reproduzir segundo a intenção do autor uma expressividade particularizada, as quais deduzimos que sejam de sentimentos de euforia e de cunho prazeroso.

A expressividade dos fonemas poderia passar despercebida, se os poetas não repetissem a fim de chamar atenção para sua correspondência com o que exprimem. Muitas vezes a repetição deles pode não ser de natureza simbólica ou onomatopéica, mas ter outras funções como realçar determinadas palavras, reforçar o liame entre dois ou mais termos, ou ainda contribuir para a unidade do texto ou parte dele. Pode se ainda contribuir para a unidade de um texto ou parte dele. Pode ser ainda um processo lúdico que crie harmonia e seja agradável ao ouvido. (MARTINS, 1989, p. 38)

É esse processo de repetição que veremos nos exemplos a seguir, em que a repetição do som corresponde ao ato sexual. Nota-se também que para a construção dessas onomatopeias há intensa criatividade para essa construção: *tãe*, *bará bará*, *tcherê*. Todas remetem ao mesmo objetivo.

Exemplo 01:

Eu vou pegar você e **tãe, tãe, tãe, tãe** (recursos de onomatopeia)
Eu vou morder você todinha
Eu vou pegar você e **tãe, tãe, tãe, tãe** (recursos de onomatopeia)
Vou dá tapinha na bundinha.

(Eu Vou Pegar Você e Tãe – Munhoz & Mariano)

Exemplo 03:

Tchê tcherere tchê tchê,
Tcherere tchê tchê,
Tcherere tchê tchê,
Tchereretchê
Tchê, tchê, tchê,
Gustavo Lima e você [x2]

(Tchê Tchê Rere – Gustavo Lima)

Exemplo 04:

Bará bará bará, Berê berê berê
Bará bará bará, Berê berê berê
Bará bará bará, Berê berê berê
Cristiano Araújo fazendo *bará, berê*

(Bará Bará, Berê Berê – Michel Teló)

Não pode-se deixar de observar que há uma exaltação particularizada expressa na quando há a menção dos nomes próprios dos cantores, mais que uma letra de música a canção é a representação do estilo desses locutores, que sucesso com a letra que os identifica. Assim não basta criar uma letra de música, mas inserir-se nela, o que ocasiona a construção de um estilo com onomatopeias lexicalizadas.

3.2. A estilística morfológica e lexical

A estilística léxica estuda os aspectos expressivos das palavras ligados ao seus componentes semânticos e morfológicos.

No processo de formação de palavras, o uso de *derivação sufixal*, no caso diminutivos, podem exprimir ou apreciação, carinho, delicadeza, ternura ou por outro lado a ironia, gozação hipocrisia segundo Martins (1989, p. 114). Esse recurso é muito utilizada nas músicas do estilo sertanejo universitário como podemos perceber nos exemplos a seguir:

Exemplo 05:

Eu vou pegar você e tãe, tãe, tãe, tãe
Eu vou morder você todinha
Eu vou pegar você e tãe, tãe, tãe, tãe
Vou dá tapinha na bundinha.

(Eu Vou Pegar Você e Tãe – Munhoz & Mariano)

No caso da palavra *tapinha*, podemos perceber a atenuação de um ato, tolerante, compreensível a uma brincadeira. Transformando um ato, considerado violento se usado sem nenhuma derivação como tapa em uma atitude para o autor, carinhosa.

Exemplo 06:

Ceguei na balada, *doidinho* pra biritar,
A galera tá no clima, todo mundo quer dançar,
O Neymar me chamou, e disse "faz um tchu tcha tcha"

(Eu quero tchu, eu quero tcha – João Lucas e Marcelo)

As *gírias* são outro recurso utilizado nas canções. Mattoso Câmara (1977) afirma que a *gíria* é o aspecto poético da linguagem falada. Martins (1989, p. 89) explica que dentre as linguagens especiais que evocam certos grupos, a *gíria* será a que oferecerá maior possibilidades expressivas com traços afetivos mais intenso:

Exemplo 07:

Gata, me liga, mais tarde tem *balada*
Quero *curtir* com você na madrugada
Dançar, pular que hoje vai *rolar*.

(Balada – Gustavo Lima)

Exemplo 08:

Em plena sexta-feira fui tentar me distrair
Chegando na *balada*, toda linda eu te vi
Você no camarote e eu rodado no pedaço
Caçando um jeitinho de invadir o seu espaço

(Lê Lê Lê – João Neto e Frederico)

Exemplo 09:

Cheguei na *balada*, doidinho pra *biritar*,
A *galera* tá no clima, todo mundo quer dançar,
O Neymar me chamou, e disse "faz um tchu tcha tcha",
Perguntei o que é isso, ele disse "vou te ensinar".
É uma dança sensual, em goiânia já pegou,
Em minas explodiu, em Santos já bombou,
No nordeste as *mina* faz, no verão vai *pegar*,
Então faz o tchu tcha tcha, o Brasil inteiro vai cantar.

(Eu quero tchu, eu quero tcha – João Lucas e Marcelo)

O que se observa em todos os exemplos é a existência da palavra *Balada*. A palavra nos dicionários Aurélio e Houaiss tem seu significado original como estilo de dança, e o ato de dar diversas balas de projétil. Mas no atual contexto, bem explicitado nos exemplos significa sair para festas, o que é bem característico do grupo e da construção de seus romances. Assim como outras construções como *pegar* e *biritar* que são verbos, o primeiro é utilizado fora do seu sentido normal de uso em pegar algo para beijar ou ter ato sexual com alguma pessoa e *biritar* utilizado para beber bebidas alcoólicas. Outras palavras como *gata* e *mina* refere-se a mulheres, principalmente esta última palavra que nasceu da supressão das sílabas *en* da palavra *menina*, e seu uso propagou-se nos grupos de *rappers*.

4. Considerações finais

Cada construção transmite uma expressividade, os desejos e intenções de seu criador que transmitirá em seu produto final. Possenti (1993) afirma que na linguística é a escolha do ponto de vista que determina o objeto de estudo, segundo o autor, os sujeitos estão construindo a língua e não somente fazendo uso dela, esse conceito vem a calhar na estilística porque o sujeito usa da língua para produzir os efeitos desejados, no contexto musical o efeito que mencionamos é dar ritmo e um ar de malícia a melodia.

A letra: *Eu vou pegar você e tãe, tãe, tãe...*, como manifestação do pensamento/desejo, a ação de ouvir a música como realização de uma atividade de lazer, gerando o prazer, pela exteriorização verbal de uma ação prazerosa, o ato sexual.

As músicas reproduzidas por esse estilo musical apresentam características semelhantes, as repetições, onomatopeias e construções lexicais refletem também os desejos de seus ouvintes. Uma juventude ávida em busca de diversão, prazer.

Recebidas com preconceito por parte de alguns interlocutores e com entusiasmo por outros, não se pode julgar as composições musicais com a dita falta de “estilo” os valores ideológicos intrínsecos nessas composições refletem o espírito de seus grupo de consumidores. Talvez seja um fenômeno passageiro como diversos outros tantos estilos em como a própria fase do sertanejo romântico, mas vale-se estudar as minúcias que compõem essas músicas e as ideologias de seus grupos consumidores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA JR. Joaquim Matoso. *Contribuições à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1978.

DRECHSEL, Denise. O que o sertanejo tem de universitário. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-universidade/nocampus/conteudo.phtml?id=1217400&tit=o-que-o-sertanejo-tem-de-universitario>>.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio século XXI*. Versão eletrônica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, CDROM.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

GUIRAUD, Pierre. *A estilística*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Versão eletrônica. Rio de Janeiro, 2001, CDROM.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. São Paulo: USP, 1989.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.